
A FALA DE UMA CRIANÇA AUTISTA DOS 10 AOS 11 ANOS DE IDADE

THE SPEECH OF A 10-11 YEAR OLD CHILD WITH AUTISM

Aline de Almeida Santos¹

Graduada em Letras

alinisantos@ig.com.br

Cátia de Azevedo Fronza²

Doutora em Letras

catiaf@unisinis.br

Resumo: Neste trabalho, investiga-se a fala de uma criança autista. Os dados foram produzidos durante dez momentos de interação entre pesquisadora e criança, nas dependências de sua escola, quando a idade estava entre 10 e 11 anos. Partindo de informações obtidas de estudos sobre o autismo e de investigações na área da Fonética e Fonologia, estabelecem-se relações sobre o desempenho fonético-fonológico desta criança por meio da discussão de dados, comparativamente ao que se verifica nos dados de fala infantil.

Palavras-chave: Autismo. Fonética. Fonologia. Fala infantil.

Abstract: This research investigates the speech of a child diagnosed with autism. The data were produced in the course of ten sessions between the researcher and the child. Sessions were conducted in the child's school when the child was 10-11 years old. Information obtained from autism studies and research in the area of phonetics and phonology formed the basis for a discussion of the gathered data and established the findings of this child's phonetic-phonological performance, in comparison with the speech of typically developing children.

Key words: Autism. Phonetics. Phonology. Child speech.

1 INTRODUÇÃO

Para realizar este estudo, tive como informante uma criança autista, por isso, além de questões direcionadas à fala, trago, desde já, algumas considerações sobre inclusão.

1 Professora da rede municipal de ensino de Sapucaia do Sul e de instituição especial de ensino no município de São Leopoldo.

2 Docente nos cursos de Letras e de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS.

Considerando que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) determina o atendimento especializado aos educandos com necessidades especiais (artigo 4.º, III) na rede regular de ensino, faz-se necessária a discussão acerca deste assunto em razão da complexidade e dos muitos questionamentos dos profissionais da educação.

O aluno especial sempre existiu, porém não era “visto” da mesma forma como a escola atual o vê. Talvez continue “existindo” dessa mesma forma em alguns espaços escolares (esquecidos e ignorados), mas passa a ser tema de discussão nas instituições de ensino, pois, por ter seus direitos assegurados em lei, essa condição instiga a curiosidade, o saber mais sobre, o que é favorável, mesmo que inicialmente não sejam encontradas respostas para os questionamentos existentes.

O aluno típico (“normal”) tem a sua identidade peculiar, a qual deve ser considerada no espaço escolar a fim de que, efetivamente, alcance progressos no processo de ensino e aprendizagem. Essa mesma reflexão deve estar presente quando precisamos refletir sobre a criança autista, pois “o ensino tem necessidade de ser sistemático, estruturado e bem adaptado às necessidades de cada criança” (RUTTER, 1973 apud CAMARGOS JR., 2005, p. 129). Assim, reforça-se a ideia de que a escola deve buscar meios para adaptar-se às dificuldades de todos os alunos. É necessário ressaltar que o profissional deve obter informações sobre a deficiência do aluno, afinal “precisamos ter saberes sobre aqueles com os quais trabalhamos” (LOPES, 2007, p. 27), porém estas informações serão úteis apenas para que o professor entenda certos comportamentos do seu aluno. O docente não pode partir da diferença apresentada pela criança, pois, dessa forma, estará partindo do “problema”, o que, geralmente, proporcionará um aprendizado estanque às limitações da criança.

Apesar de entender que a inclusão nas escolas regulares é de grande importância, se executadas as tarefas com sucesso, defendo a escola especial como sendo, também, um espaço inclusivo para o desenvolvimento das possibilidades de cada uma das crianças, um espaço que respeita suas necessidades e seus interesses e que acredita no seu potencial, pois, considerando os autistas graves, deve-se, primeiro, ajudá-los a compreender o mundo que os cerca, o qual, inicialmente, é assustador e enigmático. Um autista necessita “de compreensão e ajuda para organizar seu mundo e aprender a viver” (ARAÚJO, 2000, p. 94).

Nos dias atuais, não é simples pensarmos no tema inclusão e nos posicionarmos contrários a ela ou a seu favor. Toda a luta por igualdade de direitos é um grande desafio, visto que há muitas dificuldades a serem ultrapassadas. Mesmo com prós e contras, vale a pena investir na educação para todos. Para tal, é necessário que haja mudanças na forma tradicional de pensar a educação. Além disso, é preciso haver reflexão de todo o conjunto de profissionais sobre a proposta de inclusão a ser adotada na escola.

2 A AQUISIÇÃO “ATÍPICA” DA LINGUAGEM

Em função de analisar e discutir dados de fala de uma criança autista, percebe-se a necessidade de refletir sobre como se dá a aquisição “atípica” da linguagem. O termo “atípico” é utilizado por Lamprecht (2004, p. 24) como sinônimo de “desenvolvimento anormal” da linguagem.

Miller e Klee (1997, p. 448) dizem que

Os distúrbios de linguagem em crianças estão associados a uma grande variedade de etiologias, incluindo trauma pré e pós-natal, síndromes genéticas, distúrbios metabólicos, processos de doença e privação ambiental. Estas etiologias resultam em deficiências no desempenho sensorial, cognitivo e motor associadas à deficiência auditiva, retardo mental, distúrbio emocional e lesão cerebral que afetam o desenvolvimento normal da linguagem de forma adversa.

Portanto, em se tratando de alterações na fala de algumas crianças, é imprescindível que haja uma investigação precisa sobre o sujeito com déficit de linguagem, visto que, diante de diversos fatores que possam interferir em sua fala, é necessário que o profissional esteja bem informado tanto sobre a criança que acompanha quanto sobre as etiologias antes de prever um possível diagnóstico.

Locke (1997, p. 245), quando destaca a importância da “atividade mental não compartilhada”, diz que a criança demonstra entender que as pessoas apresentam conhecimentos e pensamentos diferenciados aproximadamente aos quatro anos de idade. Para o autor, “quando a criança adquire o conceito de outras mentes, ela percebe que as outras pessoas não têm consciência de seus pensamentos e sentimentos e que ela não tem consciência dos deles. A afirmação do autor ajuda a entender a dificuldade de comunicação de pessoas autistas.

Segundo Lamprecht (2004, p. 29), o meio em que a criança está inserida influencia de forma significativa na construção do seu conhecimento linguístico, ou seja, sua fala assemelha-se à dos falantes com os quais convive. Com isso, entende-se a importância que as pessoas representam, principalmente as adultas, em relação à linguagem das crianças, especialmente quando estão na fase de aquisição do idioma.

Para melhor compreender o que ocorre com a fala de crianças autistas, faz-se necessário o conhecimento sobre a síndrome, para que haja intervenções positivas no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem/comunicação destes sujeitos, assumindo-se as possibilidades e limitações peculiares a cada indivíduo.

Para caracterizar o autismo, Gauderer (1997, p. 6), Leboyer (1995, p. 10-11) e Mello (2007, p. 15) utilizaram a descrição inicial feita em 1943 pelo psiquiatra infantil Leo Kanner, do Hospital Johns Hopkins, nos Estados Unidos. Kanner iniciou seu estudo com a observação de onze crianças: oito meninos e três meninas, todos fisicamente normais, mas com uma característica em comum, a incapacidade de se relacionar com outras pessoas, manifestada já nos primeiros anos de vida (antes dos trinta meses de idade). Além disso, elas também apresentavam outras características como alterações de fala e de linguagem, desenvolvimento cognitivo alterado, (déficit em concentração, atenção, imaginação, raciocínio, o que dificulta o aprendizado), comportamentos repetitivos e sensibilidade pouco comum a determinados fatos e situações.

A dificuldade de interação social e o grande comprometimento psicointelectual de grande parte dos autistas geraram mais/novos estudos, a fim de oferecerem informações e reflexões sobre essa especificidade para que, conhecendo e compreendendo as características de cada criança, seja possível contribuir para garantir qualidade de vida aos autistas e/ou àqueles que convivem e/ou trabalham com essas crianças. Segundo Gauderer (1997, p. 3), como resultado de disfunções físicas no cérebro, os sintomas do autismo incluem:

Distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas. 2- Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo. 3- Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar, presentes ou não. Ritmo imaturo de fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado. 4- Relacionamento anormal com os objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida.

Ainda segundo Gauderer (1997, p. 9), outras características podem ser observadas, como choro incontrolável ou inexplicável, assim como risadas sem causa aparente. Os autistas não identificam situações de perigo, como um carro em movimento ou grandes altitudes. Também costumam morder partes do corpo, puxar os cabelos e movimentar o corpo, balançando, como se estivessem se “autoninando”.

É importante salientar que nem sempre todas as características citadas são identificadas em uma única criança autista, pois os autistas não se manifestam do mesmo modo nem agem necessariamente do mesmo modo, embora apresentem semelhanças que os identificam como portadores de uma mesma síndrome.

De acordo com Suplino (2005, p. 17), “o autismo é mais comum em meninos que em meninas. A relação é da ordem de 4:1 ou 5:1”, ou seja, para cada quatro ou cinco crianças portadoras de autismo, três ou quatro são meninos e somente uma é menina.

3 A COMUNICAÇÃO DO AUTISTA

Segundo Juhlin (2002, p. 50), as crianças autistas, desde cedo, demonstram o que querem utilizando os adultos como meio de conseguirem seu objeto de desejo. Por exemplo, se querem água, seguram a pessoa pelo braço e levam-na até o filtro com água, ou, então, se querem ver televisão, ficam paradas em frente ao televisor. Para a autora, “uma das mais aceitas afirmações é a de que as crianças com autismo têm dificuldades de comunicar-se e de usar a fala” (JUHLIN, 2002, p. 53). Portanto é necessário observá-las, a fim de desenvolver estratégias que estimulem e facilitem o processo de comunicação, ou seja, devem-se trabalhar com o autista formas de comunicação que sejam entendidas/aceitas por todos, não apenas por familiares ou por pessoas que convivam com a criança.

Gauderer (1997, p. 17) afirma que a comunicação desses indivíduos é bastante comprometida, pois a linguagem pode não se fazer presente nesta situação e, quando ocorre, caracteriza-se por “uma estrutura gramatical imatura, mas essencialmente normal, ecolalia imediata ou retardada, inversão de pronomes, inabilidade de usar termos abstratos, sonoridade anormal na maneira de falar [...]”. Acredita-se que muitos dos problemas de comportamento apresentados pelos autistas (por exemplo, agressão a outras pessoas e a si mesmos) ocorram pela dificuldade de se fazerem entender por aqueles que estão a sua volta. Em função dessa dificuldade, há técnicas pedagógicas que podem ser empregadas pelo profissional, que deve ser crítico em sua escolha e lembrar sempre que cada autista reage de forma diferenciada a tudo que lhe é proposto, inclusive durante o processo de aprendizagem.

Camargo Jr. et al. (2005, p. 14) dizem que os autistas que desenvolvem a linguagem não a utilizam como um elemento que tenha realmente a função de comunicação, pois apresentam dificuldades no “entendimento” da situação comunicativa: não sabem, por exemplo, qual o momento de reiniciar a fala durante um diálogo.

Assumindo-se que a superação dos processos fonológicos se conclua entre quatro e sete anos de idade, quando se completa “a aquisição do sistema fonológico, incluindo o inventário fonético e as regras fonológicas [...]” (SILVA, 2008, p. 29), é possível afirmar que a fala da criança autista aponta para um padrão fonológico com desvios, sendo eles comuns não apenas às crianças portadoras desta síndrome. Assim, de acordo com os dados aqui apresentados, entendo como incoerente e primário apontar os equívocos na fala de uma criança autista como aspectos “anormais” em nossa língua, pois suas dificuldades podem ser “explicadas/justificadas” com base em estudos sobre os processos de aquisição da linguagem a partir de dados de fala de crianças consideradas “normais”. É possível constatar, em estudo desenvolvido por Santos (2010), diversas características que se revelam como manifestações exclusivas da criança cujos dados de fala são aqui discutidos.

Bishop (2005, p. 170) afirma que

[...] as dificuldades de linguagem da criança autista ocorrem tanto na linguagem verbal quanto na não verbal – o que sugere a proposição de que as maiores dificuldades não seriam propriamente na linguagem, mas na comunicação, havendo portanto a associação de uma severa dificuldade semântico-pragmática com uma importante dificuldade de socialização.

Assim, para que a situação comunicativa ocorra entre os falantes, é necessário que o processo de interação social não esteja prejudicado.

Chapman (1996, p. 193-194) ressalta a importância de que, nos casos envolvendo crianças que apresentam déficits cognitivos, o ideal é considerar a idade mental destes indivíduos, e não sua idade cronológica para avaliar o desempenho de sua linguagem.

Na comunicação, como diz Lopes-Herrera (2005, p. 169), as informações fornecidas de um emissor para um receptor devem ser claras. Os elementos não verbais (as expressões faciais, os gestos motores) auxiliam no processo comunicativo. No entanto, se a criança apresenta dificuldades para entender, ou se não compreende esses elementos, sua comunicação é prejudicada, mesmo que utilize a linguagem verbal, pois, se não for utilizada de forma clara, isto é, se o receptor não compreender o que foi dito, a comunicação não acontece de forma adequada.

Considerando as contribuições dos autores e as características referentes ao indivíduo autistas destacadas, evidenciou-se a dificuldade de o autista se fazer entender diante de um sistema que, para ele, é tão complexo: o da comunicação. Essa “complexidade” existe, porque a fala envolve diversos mecanismos que acrescentam informações e sentidos ao que se diz (a ambiguidade, os implícitos, as expressões faciais, o tom de voz). Desta forma, comunicar-se é bem mais que saber exteriorizar a língua utilizada no meio social. Com isso, para um autista, o ato da comunicação parece tornar-se mais difícil, pois nem sempre a informação transmitida é compreendida por ele ou por quem está interagindo com ele.

A escolha da metodologia a ser utilizada nesta pesquisa foi imprescindível para a realização deste trabalho.

4 METODOLOGIA

A investigação apresentada neste estudo está centrada em alterações fonológicas verificadas na transcrição de dez interações entre um garoto autista e sua professora nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2008, fevereiro, março, abril, maio, junho e julho de 2009. Foi coletada apenas uma interação por meio de gravação de voz, em cada um dos respectivos meses.

As dez gravações de fala variam em relação à duração e ao contexto no qual foram produzidas. É importante salientar que o tempo de cada coleta é bastante curto, se comparado às coletas de fala realizadas com crianças que não apresentam síndromes que comprometam seu desempenho intelectual: todas têm um tempo de duração que não ultrapassa 4 minutos e 40 segundos. No caso do sujeito presente desta pesquisa, foi necessário observar, além de sua fala, os sinais corporais demonstrados por ele: respiração ofegante e balançar frequente de mãos – que indicavam o momento de parar com a gravação, pois, se ela continuasse, geraria uma situação estressante ao garoto.

5 A COLETA DE DADOS

As palavras transcritas neste trabalho resultam de dez interações ocorridas entre o menino autista e sua professora, como já foi indicado. Antes de iniciar as gravações de voz, foi necessário testar alguns aparelhos destinados a gravações de áudio, a fim de optar pelo mais adequado, ou seja, pelo que melhor reproduziria a fala do garoto.

A coleta de dados iniciou no mês de setembro do ano de 2008 e seguiu-se durante todos os meses, com exceção de janeiro de 2009, sendo finalizada no mês de julho de 2009, totalizando dez coletas. Para cada mês, foram feitas em torno de três a quatro gravações, mas apenas uma interação era selecionada para fazer parte dos dados. Alguns questionamentos foram utilizados como critérios na escolha das gravações:

- a) A pronúncia das palavras estava clara?
- b) O menino produziu palavras suficientes para a análise?
- c) O garoto estava realmente à vontade?

O primeiro critério foi utilizado porque, para que a transcrição fosse possível, a gravação de voz deveria ser de boa qualidade e definição, de modo que não houvesse dúvida sobre a pronúncia. O segundo critério se justifica também porque, em algumas coletas, o informante pronunciou frases muito curtas, resultando num número inexpressivo de palavras por gravação. O terceiro critério foi considerado porque, quando o garoto autista demonstrava ansiedade ou estresse, sua respiração e o som produzido por sua voz se modificavam, alterando a pronúncia de algumas palavras, ou impossibilitando o seu entendimento.

Após selecionar as gravações e transcrevê-las ortograficamente, foi necessário fazer a transcrição fonética de cada uma das dez coletas. Inicialmente, as palavras que apresentaram alteração foram reunidas por coleta. Ao final, considerando todas as palavras produzidas pela criança autista, um total de 684 termos, foi possível verificar que apenas 22% deste número apresentaram alterações. Em

termos fonológicos, 78% das palavras foram produzidas de modo adequado, número que não compromete tal desempenho, pois, de acordo com Lamprecht (2004, p.23), se a criança produzir um percentual adequado dos contrastes fonológicos superior a 75%, pode-se considerar que ela já adquiriu as especificidades fonológicas de sua língua, manifestando uma fala praticamente sem inadequações nesse componente. É preciso atentar, contudo, para o fato de que, em se tratando da fala do garoto autista, mesmo produzindo um número expressivo de palavras da forma-alvo, por possuir características específicas da síndrome e um vocabulário reduzido e com itens lexicais que se repetem frequentemente, sua fala ainda pode ser incompreendida pela maioria das pessoas.

Com o objetivo de compreender melhor as produções do menino, os dados são discutidos de acordo com os segmentos vocálicos e consonantais, conforme apresentação que segue.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Durante a coleta de fala, foi possível verificar alterações na pronúncia de certos fonemas e a dificuldade ao iniciar a tomada de turno durante a conversa. Além disso, o sujeito fez uso de frases curtas e de assuntos bastante limitados, os quais dificultam a comunicação e o processo de interação, também característica de autistas. Lamprecht (2004, p. 25) fala sobre as variações individuais. A criança, em seu desenvolvimento normal, apresenta especificidades na aquisição da língua, isto é, nem todas adquirem certos segmentos na idade considerada padrão, pois os contextos em que se encontram diferem entre si.

A partir das produções da criança autista verificadas ao longo das coletas, apresenta-se o seguinte quadro:

Segmentos	Dados das crianças normais	Produção do informante
AS VOGAIS	Domínio entre 1:1 e 1:11.	Todas foram devidamente produzidas conforme o alvo, com características adequadas para a idade, em conformidade com a fala do adulto.
PLOSIVAS E NASAIS	Domínio entre 1:6 e 1:8.	Uso adequado de /m/, /n/, /ŋ/. Alterações em /k/ (onset absoluto e onset medial) e /g/ (onset absoluto e onset medial).
FRICATIVAS	Domínio entre 1:8 e 2:10.	Uso adequado de /f/, /v/, /β/, /β̃/.

		Alterações em /z/ (onset medial) e /s/ (onset absoluto e onset medial).
LÍQUIDAS	Domínio entre 2:8 e 5:0.	Uso adequado de /l/. Alterações em /l/ (encontro consonantal), /ɫ/ (onset medial e coda) e /l/ onset absoluto e onset medial).

Quadro 1: Características fonológicas do sujeito da pesquisa em relação a dados das crianças normais conforme Lamprecht (2004).

Fonte: elaborado pela autora

Como revelam os dados, o informante não teve dificuldade ao utilizar as vogais, da forma como normalmente ocorre na fala das demais crianças.

Sobre as plosivas e nasais, apenas em dois fonemas o garoto autista apresentou dificuldades. Nestes casos, na produção de /k/, o menino fez a substituição por /t/: boca ? [‘bota]; na produção de /g/, a pronúncia foi /t/: sagu ? [sa’du]. Em ambos os casos, para que seja possível compreender o que foi dito, é preciso considerar o contexto em que se encontram os termos.

Para as fricativas, no caso deste informante, verificou-se que, na posição onset absoluto, houve facilidade em pronunciar o segmento quando acompanhado da vogal /a/: falou ? [fá’lo] e faz ? [fays]. O fonema labiodental /v/ foi produzido para as monossílabas: vó ? [vɔ], vai ? [‘vay] e ver ? [ve]. Nota-se também que o fonema /v/, em posição de onset medial é produzido de forma adequada: uva ? [‘uva], vovô ? [vo’vo]. O mesmo ocorre quando este fonema está na posição de onset absoluto: “vidinha”, o que demonstra domínio do fonema.

Com base nas produções do menino, percebeu-se que o fonema /z/ foi substituído por /ɫ/ na posição onset medial: casa ? [‘kaɫa]. O segmento /s/ foi substituído por /ɫ/ nas posições onset medial: isso ? [‘iɫu] e onset absoluto: sapo ? [‘ɫapu]. Mesmo utilizando estes fonemas de maneira inadequada, é importante salientar o número de fonemas relacionados às fricativas que foram produzidos adequadamente: quatro segmentos, que podem ser visualizados no quadro.

Sobre a produção das líquidas, pode-se dizer que as maiores dificuldades ocorreram com essa classe de fonemas, pois dos cinco, quatro apresentaram alteração. O segmento /l/ foi produzido corretamente na posição de onset absoluto e onset medial: sacola ? [sa’tɫa] e largou [la’do]. As líquidas fazem parte da última classe a ser adquirida pelas crianças, pois evidenciam um maior grau de dificuldade quanto à pronúncia. Com base nos estudos de Mezzomo e Ribas (2004, p. 95), esta afirmação se justifica pelo fato de “esta classe ser bastante complexa, tanto do ponto de vista articulatorio quanto do fonológico”. Talvez, esse fato seja um dos motivos para as produções do menino autista aqui indicadas.

Assim, ao verificar os dados obtidos na coleta de fala do sujeito em estudo, é possível incluí-los nos padrões fonológicos considerados “normais”, comparando-os com exemplos de fala de crianças

que não apresentam distúrbios neurológicos, ou seja, crianças consideradas típicas, “normais”. Mas é preciso considerar que, enquanto a maioria das crianças domina tais fonemas na faixa etária dos 5 anos, este informante está com 10-11 anos durante a realização da pesquisa. Parece residir aqui o aspecto que, efetivamente, faz diferença: o menino autista revela características semelhantes às crianças que não são autistas, mas com uma idade mais avançada. Se se olhar apenas para o fator que considera faixa etária, a grosso modo, é possível assumir que este é um caso de desvio fonológico. O fato de esta criança revelar-se falante na maioria dos momentos, o que normalmente não se verifica no contato com o indivíduo autista, não deixa de ser intrigante. Ao final deste estudo, apesar de muitas descobertas, ficam muitos questionamentos e a necessidade de mais pesquisas para o entendimento da linguagem do autista e de suas especificidades.

Observa-se que a fala do menino autista deste estudo aproxima-se da dos demais falantes de Língua Portuguesa. Verifica-se, no entanto, que, em sua fala, há também diferenças: podem ser características da síndrome, observadas quando repete alguns vocábulos, como [‘muɫita], [miɫo’tãwɫ], [ma’tatu], demonstrando domínio por certos assuntos, ou quando, durante a entrevista, se mostra incomodado, ou simplesmente ignora os estímulos ou questionamentos feitos pela professora.

7 CONCLUSÃO

Esta investigação possibilitou a reflexão sobre o que é considerado “errado” ou certo na fala do informante autista, pois, entre as muitas leituras que havia feito sobre o autismo, nenhuma delas aprofundou a linguagem de portadores desta síndrome. Sendo assim, as dificuldades presentes na fala do menino, para mim, eram simplesmente comuns e dispensavam maior reflexão. Depois de muitas conversas com minha orientadora e de ter iniciado o trabalho, passei a ter uma visão diferente da inicial: ao adquirir um novo conhecimento, bem menos discriminatório e taxativo, aprendi a considerar as diferenças presentes na fala das pessoas, sendo elas autistas ou não.

Considerando-se, sobretudo, o fato de que, pelas determinações da Lei n. 7.853, incluem-se na rede regular de ensino crianças com deficiências físicas e patologias psíquicas, urge buscar alternativas para o preparo dos profissionais da educação.

Mesmo analisando os dados de apenas uma criança autista, foi considerável o número de informações obtidas a partir das interações. As alterações fonológicas verificadas na fala do garoto autista mostram que a patologia acarreta um atraso no desenvolvimento fonológico da criança. Assim, embora se encontre em um estágio de desenvolvimento bastante anterior ao considerado normal para sua idade cronológica, a criança demonstra já ter adquirido grande parte do sistema fonológico, pois, em suas produções, observou-se domínio de grande parte dos fonemas.

Durante as coletas de fala, o informante, depois de pronunciar determinadas palavras de forma equivocada, percebia que sua pronúncia estava alterada. Mesmo quando a palavra era repetida pela professora, a fim de estimulá-lo a produzi-la na forma-alvo, o garoto autista não identificava suas alterações. Os fonemas /k/, /g/, /z/, /r/, /ɲ/, /s/, /l/, /ɲ/ representam as maiores dificuldades em sua realização e se mantiveram assim do início ao final das coletas.

Quase um ano depois, em um diálogo espontâneo, notei que o menino falou a palavra “nesse” (produzido como [‘neɫi] na coleta de dados) da seguinte forma: [‘nesi]. Tal fato ocorreu poucas vezes, mas o suficiente para afirmar que ele está sempre atento ao que se passa a sua volta. Está atento não apenas ao que acontece no seu meio, mas também ao que é falado. Com isso, saliento a importância de haver outras interações, além das do convívio familiar. Acredito que, aos poucos, o menino se aproprie de muitos outros vocábulos e seja capaz de dominar outros contrastes fonológicos.

A fala do menino autista não é incomum, se considerados os processos de aquisição da linguagem de crianças ditas “normais”, pois, com base no referencial teórico utilizado neste estudo, observou-se proximidade, em termos fonológicos, entre a fala das crianças que não apresentam distúrbios neurológicos e a do menino autista. É preciso reavaliar o modo de

analisar as produções diferentes do alvo esperado. Se tais diferenças forem apontadas como meros “erros” linguísticos, certamente não será possível auxiliar estas crianças a melhor se fazerem entender através da fala no meio em que se encontram.

O que se pode dizer sobre as crianças autistas? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, neste estudo, o foco esteve sobre um sujeito. Portanto, não é possível estabelecer qualquer generalização. Em se tratando de autismo, não há certezas. Sabe-se, apenas, pela experiência adquirida, que dois fatores são imprescindíveis para lidar com autistas: a sensibilidade para compreender toda a angústia e a perplexidade enfrentadas pelo autista em relação ao mundo, que lhe parece abjeto, e a força de vontade para ajudá-lo a conquistar melhores condições de vida, com maior adequação à realidade que o cerca. Além disso, como se está em um contexto de ensino e de aprendizagem, também se fazem necessárias mais investigações e reflexões sobre as diferentes realidades da escola especial e da escola inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ceres Alves de. **O processo de individuação no autismo**. São Paulo: Memnon, 2000.
- CAMARGOS JR, Walter (coord). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3.º milênio**. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005.
- CHAPMAN, Robin S. **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FLETCHER, Paul, MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GAUDERER, Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**. Guia prático para pais e profissionais. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- JUHLIN, Vera. **O desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças com necessidades especiais**. São José dos Campos: UniVap, 2002.
- LAMPRECHT, Regina Ritter. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEBOYER, Marion. **Autismo infantil – fatos e modelos**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: ago. 2010.
- Lei N. 7.853**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm. Acesso em: jul. 2010.
- LOPES, Maura Corcini, DAL'IGNA, Maria Cláudia. (Org). **In/exclusão: nas tramas da escola**. Canoas: ULBRA, 2007.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**. Guia prático. 5. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.
- SANTOS, Alini de Almeida. **A fala de uma criança autista dos 10 aos 11 anos de idade**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- SILVA, Márcia Regina da. **Alterações de fala em escolares: ocorrências, identificação e condutas adequadas**. Dissertação de Mestrado em Educação. UNICAMP: São Paulo, 2008. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000437578>. Acesso em: nov. 2008.
- SUPLINO, Maryse. **Currículo Funcional Natural. Guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental**. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.
-